

O ESPELHO E A TELA: A PROFECIA DE MACHADO DE ASSIS E O EU ESPETACULAR NA CONTEMPORANEIDADE

Luciano Guimarães Garcia (UFSJ)
lucianolettras@gmail.com

RESUMO

Este ensaio analisa como a teoria das duas almas formulada por Machado de Assis no conto “O espelho” antecipa as dinâmicas da subjetividade contemporânea na era digital. Enquanto o homem moderno estruturava sua identidade em torno da interioridade e privacidade, o sujeito contemporâneo desenvolve uma subjetividade epidérmica e alterdirigida, ancorada na visibilidade e na *performance* pública. Em diálogo com as reflexões de Paula Sibília sobre o “show do eu”, as análises de Richard Sennett acerca da corrosão do caráter e a obra *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud, discute-se como as telas dos dispositivos digitais assumem o papel de espelhos contemporâneos que exigem uma validação contínua e espetacularizada por meio de curtidas e algoritmos. Conclui-se que a busca incessante por visibilidade digital não elimina o conflito psíquico ou a interioridade, mas atua como uma estratégia para administrar o mal-estar civilizacional, revelando a perene atualidade da obra machadiana e o fascínio exercido pelas novas formas de fardas e representações sociais.

Palavras-chave:

Paula Sibília. Subjetividade contemporânea. Machado de Assis.

RÉSUMÉ

Cet essai analyse comment la théorie des deux âmes formulée par Machado de Assis dans le conte “O espelho” anticipe les dynamiques de la subjectivité contemporaine à l'ère numérique. Alors que l'homme moderne structurait son identité autour de l'intériorité et de l'intimité, le sujet contemporain développe une subjectivité épidermique et alterdirigée, ancrée dans la visibilité et la performance publique. En dialogue avec les réflexions de Paula Sibília sur le “show du soi”, les analyses de Richard Sennett sur la corrosion du caractère et l'œuvre *Le Malaise dans la culture*, de Sigmund Freud, nous examinons comment les écrans des appareils numériques assument le rôle de miroirs contemporains qui exigent une validation continue et spectaculaire à travers les mentions j'aime et les algorithmes. Il en ressort que la recherche incessante de visibilité numérique n'élimine pas le conflit psychique ou l'intériorité, mais agit comme une stratégie pour gérer le malaise civilisationnel, révélant la pertinence pérenne de l'œuvre de Machado et la fascination exercée par les nouvelles formes d'uniformes et de représentations sociales.

Mots-clés:

Paula Sibília. Subjectivité contemporaine. Machado de Assis.

1. Introdução

A partir da publicação de “Memórias póstumas de Brás Cubas” (1881) e “Papéis avulsos” (1882), a obra de Machado de Assis (2011) inaugura uma

virada decisiva na literatura brasileira ao romper com as bases do romantismo e do realismo convencionais. Em lugar de personagens com identidades estáveis, Machado constrói sujeitos marcados pela ambiguidade, pela ironia e pela instabilidade, antecipando questões que se tornariam centrais para a reflexão moderna sobre a subjetividade. Entre esses textos, destaca-se o conto “O espelho”, ironicamente subtítulo “Esboço de uma nova teoria da alma humana”, no qual o autor formula uma das mais sofisticadas investigações literárias acerca da constituição do eu.

Por meio da experiência vivida por Jacobina, Machado propõe que cada indivíduo é composto por duas almas: uma interior, voltada para si mesma, e outra exterior, constituída pelo reconhecimento social. Privado da presença daqueles que o identificavam como “senhor alferes”, o protagonista assiste ao progressivo desaparecimento de sua identidade, até que sua imagem refletida no espelho se torna apenas uma “sombra de sombra”. Somente ao vestir novamente a farda de alferes recupera seu reflexo e sua estabilidade psíquica, confirmando a célebre conclusão de que “o alferes eliminou o homem” (Assis, 2011). Para além da crítica à vaidade ou às hierarquias sociais dos tempos de Império, o conto revela a profunda dependência da subjetividade em relação ao olhar do outro, sugerindo que a identidade humana se constitui em permanente tensão entre interioridade e reconhecimento externo.

O conto, quando lido em pleno século XXI, transcende seu contexto histórico e adquire outra possibilidade interpretativa. A ideia defendida neste ensaio é que a teoria machadiana das duas almas antecipa aspectos fundamentais da subjetividade contemporânea, marcada pela crescente centralidade da imagem, da *performance* e da visibilidade pública. Nesse sentido, as reflexões de Paula Sibília (2016) sobre o “show do eu” e as análises de Richard Sennett (1999) acerca da corrosão do caráter permitem compreender como as redes digitais radicalizam a dependência do sujeito em relação ao reconhecimento social, convertendo o antigo espelho de Jacobina nas telas dos dispositivos eletrônicos. Quanto mais esses dispositivos, especialmente o telefone celular, se afastam de sua função original para se tornarem extensões permanentes da vida social, mais o espelho concebido por Machado se faz presente, ampliando seus efeitos e intensificando a lógica da validação pela visibilidade.

Entretanto, essa leitura ganha maior complexidade quando colocada em diálogo com *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud (2011). Diferentemente da impressão de que a alma exterior teria simplesmente eliminado a interior, Freud (2011) sustenta que a subjetividade jamais desaparece; ela permanece como o espaço de um conflito permanente entre os desejos individuais e as exigências impostas pela vida em sociedade. Sob essa pers-

pectiva, a busca incessante por visibilidade e validação nas redes sociais não representa o desaparecimento da interioridade, mas uma estratégia contemporânea de administrar o mal-estar inerente à condição civilizada. Assim, a experiência de Jacobina deixa de ser apenas uma alegoria da vaidade dos tempos de Machado para tornar-se uma poderosa metáfora da crise da subjetividade dos tempos atuais, cuja tentativa permanente de obter reconhecimento exterior não elimina o conflito psíquico descrito por Freud, apenas lhe confere novas formas de manifestação.

2. Desenvolvimento

Para compreender a ironia profunda de “O espelho”, é preciso resgatar o contexto da formação da subjetividade moderna. Entre os séculos XVIII e XIX, consolidou-se, no Ocidente, a figura do indivíduo que organizava sua experiência em torno da vida interior. A era burguesa cultuava a privacidade do lar e o recolhimento como espaços privilegiados de construção do eu. Lia-se e escrevia-se em solidão como forma de sustentar a própria identidade, em uma espécie de proteção contra as falsidades e as influências provenientes do mundo público. Daí, a valorização de práticas como a escrita de diários íntimos e de correspondências pessoais, em evidente contraste com a cultura contemporânea da exposição permanente nas redes sociais.

Essa transformação também se manifesta no êxito de gêneros voltados aos relatos de si, como a autoficção, cada vez mais presente nas livrarias físicas e digitais. Paradoxalmente, enquanto a escrita do eu se expande como mercadoria cultural, as livrarias tradicionais perdem espaço no cotidiano, sinalizando que até mesmo os antigos lugares de mediação da experiência literária cedem lugar às novas formas de circulação e consumo da subjetividade.

No entanto, Machado de Assis, com o seu ceticismo característico, já desconfiava dessa solidez interior. Ao descrever a alma exterior de Jacobina, que podia ser a farda, mas também “um simples botão de camisa”, “uma máquina”, “um par de botas” ou “uma polca”, o autor denuncia a dependência do homem em relação aos significantes externos. Como aponta o crítico John Gledson no prefácio de “Papéis avulsos” (2011), a fixação de Jacobina em sua “alma exterior” evidencia o vácuo interior do brasileiro, mas também da condição humana de forma geral, sugerindo uma nação e um sujeito que não se reconhecem sem a validação do espelho social.

Na contemporaneidade, esse vazio interior deixou de ser uma exceção para se tornar a regra. Paula Sibilia (2016) demonstra que a interioridade laica dos sujeitos modernos, com seus mistérios insondáveis e conflitos psi-

quicos, perdeu espaço para uma subjetividade epidérmica. O eu contemporâneo não busca mais o sentido da vida nas profundezas de sua alma, ele estrutura sua identidade em torno de seu corpo e de sua imagem visível. Desse modo, a alma exterior de Jacobina triunfou. Hoje, “tudo aquilo que permanecer oculto, fora do campo da visibilidade [...] corre o triste risco de não ser interceptado por olho algum” e, conseqüentemente, de não existir (Sibilia, 2016).

A dependência de Jacobina em relação ao título de alferes ilustra o que o sociólogo David Riesman definiu, em meados do século XX, como “personalidades alterdirigidas” (*other-directed*). Diferentemente do caráter “introduzido” que se apoiava na firmeza moral e na solidez interna, o sujeito alterdirigido ancora sua identidade nos efeitos que é capaz de provocar nos outros. Jacobina precisava que a tia Marcolina, o cunhado e os escravos o chamassem de “senhor alferes” para sentir-se real. Quando esses validadores externos desapareceram, seu eu se fragmentou e o espelho refletiu apenas uma “nuvem de linhas soltas” (Assis, 2011).

Esse fenômeno conecta-se diretamente ao conceito formulado por Richard Sennett (1999) e explorado por Paula Sibilia (2016) para compreender a subjetividade contemporânea. Sennett (1999) analisa como o declínio do espaço público e a flexibilização do capitalismo global minaram a estabilidade do caráter, antes compreendido como um conjunto relativamente duradouro de valores, disposições e compromissos, substituindo-o pela personalidade, cada vez mais volátil, performática e orientada pela lógica do mercado.

Nessa perspectiva, não apenas o espelho de *Papéis Avulsos* (2011) parece ter triunfado, como também a racionalidade neoliberal se consolida progressivamente. Em sociedades marcadas por reduzidas oportunidades de mobilidade social e por elevada concentração de renda, como a brasileira, essa racionalidade frequentemente assume contornos quase utópicos, estimulando a crença de que o sucesso depende exclusivamente do desempenho individual e da capacidade de autopromoção. Assim, quanto mais o reconhecimento social é convertido em medida de valor, mais atual se torna a metáfora machadiana do espelho, agora multiplicado pelas telas e pelas dinâmicas das redes digitais.

Nas redes sociais do século XXI, todos somos, em alguma medida, herdeiros de Jacobina. O sociólogo Richard Sennett (1999) alertou para as “tirantias da intimidade”, mas hoje, como pontua Sibilia (2016), enfrentamos as “tirantias da visibilidade”. O eu contemporâneo é uma personalidade alterdirigida que precisa encenar cotidianamente o “show do eu” nas vitrines do Instagram, *TikTok* e *Facebook*. Não basta ser, é preciso parecer. A legítima-

ção do sujeito não vem mais do crivo da consciência, mas do *like* (“curtida”), do clique, do comentário afirmativo que, assim como as reverências dos escravos ao alferes, comprova que a alma exterior ainda vive.

Um dos pontos mais angustiantes do conto “O espelho” é a relação do indivíduo com o isolamento. A solidão do quarto ou do lar era o ambiente necessário para a introspecção e o fortalecimento do eu. Para Jacobina, no entanto, a solidão no sítio foi o gatilho para a despersonalização e o terror. Sem a plateia, o espetáculo de sua identidade desmoronou.

Esse pavor do isolamento é exatamente o que move a subjetividade contemporânea. A era digital instaurou o fenômeno da *extimidade*, neologismo que descreve a exposição pública voluntária daquilo que outrora pertencia ao âmbito privado e íntimo. As paredes do lar burguês, que antes garantiam a opacidade e o refúgio do sujeito, tornaram-se translúcidas. Câmeras, *webcams* e *smartphones* funcionam como janelas escancaradas para a rua, permitindo que a vida cotidiana seja ininterruptamente transmitida.

O sujeito contemporâneo foge da solidão porque ela o confronta com o seu próprio vazio. Como argumenta Ana Bela Almeida, citada por Sibília (*Apud* Sibília, 2016), a diferença entre uma pessoa humana e um “personagem” é que o personagem nunca está sozinho, há sempre um espectador, um leitor ou uma câmera acompanhando seus atos. Ao publicar constantemente os detalhes de suas rotinas, do prato de comida à crise de choro, o indivíduo contemporâneo tenta se transformar em personagem de sua própria vida.

A leitura de “O espelho” também encontra um profundo diálogo com *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud (2011). Embora partam de perspectivas distintas, ambos convergem ao demonstrar que a identidade humana jamais se constitui como uma essência plenamente autônoma. Em Machado, Jacobina só recupera sua consistência subjetiva quando reencontra a farda de alferes e, com ela, o olhar legitimador da sociedade, em Freud (2011), o eu forma-se precisamente pela internalização das exigências da cultura, incorporadas na figura do supereu. A civilização, contudo, cobra um preço por essa integração, exige a renúncia de impulsos fundamentais e produz um estado permanente de insatisfação, o “mal-estar” que acompanha toda vida social. Se Machado representa esse conflito por meio da imagem de um homem cuja identidade desaparece na ausência do reconhecimento externo, Freud (2011) o explica como resultado da tensão estrutural entre desejo e civilização. No século XXI, essa dinâmica torna-se ainda mais aguda, a vigilância antes exercida pelo supereu parece deslocar-se para as redes digitais, onde curtidas, algoritmos e métricas de engajamento funcionam como novos dispositivos de validação simbólica. A “alma exterior” de Jacobina, assim, deixa de ser apenas uma metáfora da vaidade oitocentista para

tornar-se a expressão de uma subjetividade permanentemente submetida ao olhar coletivo e condenada a buscar um reconhecimento incapaz de eliminar esse mal-estar.

3. Conclusão

A leitura de “O espelho” (2011) revela a impressionante atualidade da reflexão machadiana sobre a constituição da subjetividade. Longe de representar apenas uma crítica à vaidade individual ou às hierarquias sociais do Império, o conto evidencia um problema que atravessa a modernidade e alcança sua máxima expressão na cultura digital, a identidade humana constitui-se na tensão permanente entre a experiência interior e a necessidade de reconhecimento exterior. A figura de Jacobina, cuja existência depende da farda e do olhar legitimador dos outros, deixa de ser um tipo social oitocentista para tornar-se uma metáfora da condição contemporânea.

As contribuições de Richard Sennett (1999) e Paula Sibilia (2016) permitem compreender como essa dependência do reconhecimento social foi sendo intensificada ao longo do século XX até culminar na lógica da hiper-visibility característica das redes digitais. O sujeito introdirigido, descrito por Riesman, cede progressivamente lugar às personalidades alterdirigidas. O caráter, entendido por Sennett (1999) como permanência, compromisso e consistência moral, dissolve-se em *performances* continuamente atualizadas, e a intimidade, antes resguardada pelo espaço privado, converte-se em espetáculo, conforme analisa Sibilia (2016). Nesse cenário, o antigo espelho de Jacobina transforma-se nas telas dos *smartphones*, enquanto a farda de alferes assume a forma de perfis cuidadosamente editados, algoritmos e métricas de engajamento que condicionam a validação pública.

Essa transformação não ocorre de maneira isolada, mas acompanha profundas mudanças históricas, políticas e econômicas. O indivíduo moderno, cuja identidade se constituía em diálogo com instituições disciplinares como a escola, a igreja, os partidos políticos, os sindicatos e as associações culturais e que, durante grande parte do século XX, ainda se orientava por projetos coletivos e por grandes disputas ideológicas, vê esse horizonte enfraquecer nas dadas finais do século. O colapso do bloco socialista, simbolizado pela queda do Muro de Berlim, em 1989, e a consolidação da racionalidade neoliberal nos anos 1990 contribuíram para deslocar o centro da experiência social das causas coletivas para a gestão da trajetória individual.

A construção da identidade deixa, então, de privilegiar a interioridade e o compromisso com projetos comuns para depender cada vez mais da visibilidade, da *performance* e da aprovação do outro, mediadas pelas platafor-

mas digitais e pela lógica do simulacro, já que a representação do eu deixa de ser fruto da experiência vivida e passa a produzi-la simbolicamente por meio das fotografias, vídeos, narrativas e métricas de engajamento. O valor do sujeito já não reside primordialmente no que ele efetivamente realiza, mas na eficácia com que sua imagem circula, é compartilhada e recebe aprovação pública.

Entretanto, o diálogo com Freud (2011) impede que essa transformação seja compreendida como o simples desaparecimento da interioridade. Em *O mal-estar na civilização* (Freud, 2011), a subjetividade permanece como o lugar de um conflito incontornável entre os impulsos individuais e as exigências da vida coletiva. A busca contemporânea por visibilidade, portanto, não elimina esse conflito, ao contrário, constitui uma tentativa de administrá-lo. A exposição permanente da própria vida, a construção de uma identidade performática e a necessidade contínua de reconhecimento funcionam como estratégias de compensação diante do mal-estar característico da vida civilizada. Assim como Jacobina precisava vestir repetidamente a farda para recuperar sua imagem, o sujeito digital necessita renovar infinitamente sua presença nas plataformas, revelando que o reconhecimento obtido nunca é suficiente para estabilizar o eu.

É justamente nesse ponto que reside a profética literatura machadiana. Sem recorrer às categorias da sociologia ou da psicanálise, o autor percebeu que a identidade humana jamais se estabelece de maneira sólida, mas depende de uma complexa rede de relações simbólicas e sociais. Sua obra antecipa debates que somente décadas mais tarde seriam formulados por Freud (2011), Sennett (1999) e, mais recentemente, por Paula Sibilia (2016). O espelho de Jacobina não refletia apenas um homem do século XIX, mas acabou por definir a condição também do sujeito atual, sobretudo em tempos de cultura digital levada às últimas consequências.

Se o século XIX ainda permitia alternar entre o silêncio da interioridade e a cena pública, o século XXI parece abolir essa fronteira. A lógica algorítmica transforma a visibilidade em requisito de existência simbólica, fazendo com que o valor do indivíduo seja frequentemente medido por sua capacidade de permanecer em evidência. Paradoxalmente, quanto maior a exposição, mais instável se torna a identidade que ela pretende assegurar, ficando assim prisioneiro de um círculo sem fim de autoexibição e validação, no qual cada nova imagem publicada promete preencher uma falta que jamais se extingue.

Ao final, a sentença machadiana de que “o alferes eliminou o homem” (Assis, 2011) parece significar mais do que uma simples constatação narrativa: configura uma verdadeira questão existencial. A farda mudou de forma,

mas continua exercendo o mesmo fascínio. Na contemporaneidade, ela é composta por filtros, avatares, estatísticas, curtidas, algoritmos e métricas de engajamento que organizam a visibilidade e condicionam o reconhecimento social.

O fenômeno torna-se ainda mais significativo quando o próprio mundo material passa a se reorganizar em função dessa lógica. Academias criam ambientes “instagramáveis”, pratos e bebidas são concebidos para serem fotografados antes de consumidos, *shows*, viagens e acontecimentos cotidianos parecem adquirir legitimidade apenas quando convertidos em posts, reels ou *stories*. A experiência deixa de ser real e passa a ser planejada para produzir imagens capazes de circular e obter aprovação pública.

Entretanto, o mal-estar descrito por Freud (2011) permanece. Ele atravessa os filtros, as novas fardas e as tecnologias da visibilidade, alcançando um sujeito que continua dividido entre aquilo que é e aquilo que precisa parecer ser. Talvez resida precisamente aí a grande atualidade de “O espelho”, recordar que nenhuma imagem, por mais cuidadosamente construída ou amplamente compartilhada, é capaz de reconciliar definitivamente o indivíduo consigo mesmo.

Entre o espelho oitocentista de Machado e as telas digitais do século XXI permanece a mesma pergunta, simultaneamente literária, filosófica e política: “Quem somos quando o olhar do outro finalmente se desvia?”.

A pergunta encontra um eco na canção “Quatro vezes você”, de Dinho Ouro Preto e Alvin L., gravada pelo Capital Inicial no álbum “Rosas e Vinho Tinto” (2002):

O que você faz quando
Ninguém te vê fazendo
Ou o que você queria fazer
Se ninguém pudesse te ver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

OURO PRETO, Dinho; ALVIN L. Quatro vezes você. Intérprete: Capital Inicial. In: *Rosas e vinho tinto*. Rio de Janeiro: Abril Music; Sony Music Entertainment Brasil, 2002. 1 CD. Faixa 7.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.